

## AS "NOUVELLES PORTUGAISES ET BRÉSILIENNES" DO CHEVALIER DE PASSAC

MARLYSE MEYER

Houve na França entre fins do século 18 e primeira metade do século 19 (continuando tendência já patente antes da Revolução, e precedendo a voga do folhetim romântico), uma produção abundantíssima de romances de escasso valor literário, mas avidamente procurados pelos assinantes dos gabinetes de leitura que pululavam no tempo. Um exame dos títulos revela não pequeno número de romances relacionados com Portugal: "L'aventurier Portugais", "Les moines Portugais", "Les Portugais proscrits", "Aventures de deux amants Portugais", "Les Portugais à Malabar", "Alsace-Lusitanie" etc. Já o conteúdo mostra que, na maioria dos casos, o elemento português é muito vago, mera etiqueta que pouco diferencia a aventura "portuguêsa" das diversas "aventures venitiennes ou turques", apontadas por Daniel Mornet quando analisou a "multitude de romans qui inonde l'Europe" já antes da publicação da «Nouvelle Héloïse» em 1761 (1).

Alguns há, todavia, que denotam certo conhecimento da história, geografia e até de costumes portuguêsês, conhecimento que abrange o das colônias. É o motivo pelo qual nos interessou especialmente um conjunto de novelas cujo conteúdo não desmente o título, as «Nouvelles Portugaises et Brésiliennes», de Chevalier de Passac (2), publicadas em 1825. É uma série de cinco histórias ligadas por tênue fio à primeira: "AMOUR ET CONSTANCE", ou "HISTOIRE DE DON CARLOS ET DE DONA LUIZA». O enredo desta, em forma epistolar, segue esquema sentimental convencional: dois jovens da aristocracia portuguêsês amam-se, mas não se podem casar por oposição das famílias; o motivo já é menos banal e dá ao entrecho fumos de romance histórico, pois é o próprio conde d'Oeyras, futuro marquês de Pombal, quem destina outro pretendente à môça. O melancólico namorado vai percorrendo Portugal sempre na esperança de avistar sua amada e vai escrevendo cartas a um amigo, o que dá vaso a extensas descrições do país e alguns de seus costumes; o próprio terremoto de Lisboa é elemento de ação. O poderoso ministro acabará autorizando o casamento, isto após ter infligido várias penas ao herói, entre as quais, o exílio no Brasil; esta é a parte que mais nos

---

(1) Introdução à Nouvelle Héloïse — Paris, Hachette, 1924.

(2) Chevalier de Passac. "Nouvelles Portugaises et Brésiliennes", Paris, Leconte et Durey, 1825.

interessa. D. Carlos desembarca no Rio em maio de 1756; descreve corretamente a entrada da barra, tendo o autor o cuidado de indicar suas fontes ("Les principaux traits de ce tableau sont pris d'un voyage anglais très nouveau et très peu répandu"). O jovem é assediado por "brûlantes brésiliennes", mas a lembrança de Luísa é mais forte: "la troupe folâtre des vives brésiliennes viendra peut-être un soir à la lueur de l'astre des nuits danser le gal londu (sic) près de ma tombe". Mas é tal a depravação, diz êle, que "j'ai peu de mérite de résister aux femmes de ce pays". Decide deixar "S. Sebastien" e retira-se na "vallée de Tizouca" (sic) na fazenda de um velho francês residente há quarenta anos no Brasil. Descreve a vida desse grupo de franceses da Tijuca, as atividades cotidianas na fazenda, os escravos vindos do Val-longo (sic) e a beleza da paisagem. Indica o autor novas fontes, a "Histoire générale des voyages" de La Harpe e a "Histoire naturelle du Brésil". A neta do francês apaixona-se pelo sempre constante D. Carlos e este decide fugir e internar-se pelo interior. Alcança Vila Bela do Mato Grosso. Descreve a exploração do ouro, as minas que visitou nas paragens de "Guaporé". Encontra lá dois portugueses que participaram da conspiração contra Pombal, referindo-se às "Memórias do Marquês de Pombal", edição de 1783. Dom Carlos curte saudades, resolve infringir a sentença e voltar a Portugal. Pretende alcançar "Bahia de tous les Saints"; alimentando-se com raízes de mandioca, segue o rio "Saint François" (sic) e chega a "San Salvador" onde é prêso. O que leva o autor a descrever o aparelho judiciário na antiga capital. É levado a Lisboa, onde tudo se esclarece e acaba casando com Luísa.

Voltamos ao Brasil com a novela 3: "Amour et Honneur", ou, "Inês et Henri". Esta narra a história do casamento de Valville (o velho da Tijuca), antigo oficial de Dugay-Trouin, e Inês, a brasileirinha, "une des plus riches et plus belles heritières de la contrée de l'Arouary": «tout le feu du climat coulait dans ses veines» quando cantava lindas "modhiques" (sic). Prêsa pelos índios "Arimacotos" (sic), é salva pelo francês e acabam-se casando após vários e banais contratempos.

A mais interessante, todavia, é a novela 4: "Le sauvage par philosophie" ou "Le danger des fausses doctrines". É a história de um velho francês estabelecido perto de Vilaboa do Goiás, que narra vicissitudes passadas: Laborde foi estudante em Montpellier onde se entusiasmou pelas idéias modernas; transmite-as a um colega português e vão os dois tentar aplicá-las ao pé da letra; "la vie sauvage étant la seule conforme à l'ordre de la nature", decidem "se faire sauvage". Documentam-se, estudam guarani e escolhem o Brasil para campo da experiência. Desembarcam em São Vicente, passam por "St. Paul de Piratiningue" que descrevem rapidamente, mencionando a república dos paulistas e os bandeirantes. Os dois amigos permanecem algum tempo junto aos "Carigés", mas não os reputam bastante selvagens. Ouvem falar nos Tapuias que residem entre o Tocantins e o «Miarim», como sendo «les plus sauvages parmi les sauvages». Laborde «s'enflamma pour cette nation sans la connaître et résolut de se faire tapuya». Boa parte da narrativa descreve os percalços da expedição que empreendem, ajudados por 6 guias, 4 negros e 2 "tupinisteuses" (sic).

São descritas a caça e pesca de que se alimentam; as "aldées" de índios que vão atravessando, e seus costumes; as habitações isoladas de portugueses ou garimpelros onde encontram abrigo. Ameaçam-nos perigos diversos: índios ferozes, animais e plantas selvagens (descritas em ordem alfabética): Laborde desvencilha-se de perigosa serpente às margens do Tocantins, onde chegam afinal. São bem recebidos pelos Tapuias que aceitam os dois brancos como integrantes da tribo. Ambos são despídos, epilados, pintados: os antigos lhes ensinam a língua e os costumes. "Les nouveaux élèves de la nature" aprendem a manusear arco, flecha, tacape; a guerrear. Logo participam de um festim de vitória, mas apesar de sua admiração pela "pure nature", não conseguem engolir a carne do prisioneiro cujo canto de morte ouviram. E, completando a assimilação, casam-se; o

português tem dois filhos, mas estes morrem; "la vie errante ne s'accommode pas de l'éducation des enfants". E aos poucos vai cessando a paz idílica. Os brancos vão entrando em choque com os hábitos e instituições (cujo sistema e falhas são amplamente descritos) de sua nova pátria. Evocam, saudosos, os "fretos justos e sadios da civilização". — «Voici ces moeurs qu'on ose nous vanter, et les êtres qu'on a placés au-dessus des êtres policés!", exclama Laborde. Não desistem, porém, e tentam esclarecer os tapuias. Mas a "anarquia inerente à organização social e política" dos selvagens não permite que se alcancem os intentos moralizadores. Os brancos acabam envolvidos na sangrenta guerra entre Tapuias e "Tupicas" (sic); o português é preso e será devorado. O mesmo destino espera Laborde, mas este, após peripécias diversas, escapa. Após longas considerações sobre os males da democracia e da república, "que levam à anarquia e à desorganização social", Laborde convence-se de que a liberdade, a igualdade e a perfectibilidade sociais são mitos ilusórios. Converte-se ao cristianismo, casa-se e acaba "chef d'atelier" numa mina de Goiás, "où il trouva moyen de gagner assez pour se procurer un établissement honnête dans le pays et y vivre sous la protection de la religion et des lois".

Não possuindo embora o menor valor literário — o próprio elemento exótico não chega a ser um atrativo, pelo caráter de simples transcrição, quando não de pura enumeração que apresenta —, esta novela nos pareceu curiosa por vários aspectos.

Reflete, no campo da ficção, o interesse pelo Brasil, atestado pelas inúmeras publicações do tempo em outros campos. O A. tentou documentar-se seriamente, e não seria difícil reencontrar, além das que cita, as fontes que utilizou. Há, evidentemente, grande dose de fantasia, autorizada pelo gênero romanesco, mas que se deve menos imputar à imaginação do romancista — bastante escassa — do que a falhas de memória ou de transcrição.

Interessante igualmente a função que desempenha o tema do Brasil e do Índio brasileiro na narrativa. Esta é verdadeira novela de tese, impregnada da ideologia reacionária da Restauração e coerente com as idéias de mocidade do A. (3); anti-enciclopedista (haja visto o sarcasmo com que cobre os estudantes liberais de Montpellier) e de um anti-rousseauismo primário. E, nesse contexto, o Índio brasileiro desempenha papel oposto ao que teve tradicionalmente como foi apontado por Afonso Arinos (4). Com efeito, as instituições e os costumes do Índio do Brasil têm como função exclusiva na narrativa permitir rebater a tese do "bom selvagem", o que nos parece caso ímpar (5).

(3) Philippe Jérôme Gaucher de Passac, 1765-1830. Começou pela carreira das armas e serviu no regimento de artilharia de Toul, onde foi colega de Laclos, o autor das "Liaisons Dangereuses". Amigos a princípio, divergiram os dois quando estourou a Revolução Francesa, de que Passac foi violento adversário. (Seria o caso de perguntar se é fortuita a semelhança de nomes — Leclos-Laborde). Emigrou em 1792 e após certo tempo exilou-se em Portugal, onde permaneceu de 1794 a 1802. De regresso à França, desempenhou humildes funções burocráticas, ao mesmo tempo que traduziu romances do inglês ou compôs outros de sua lavra, todos igualmente mediocres.

(4) Afonso Arinos de Mello Franco, "O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa".

(5) Gabriel Germain, no seu livro "Genèse de l'Odysée" assinala que a relação homem exótico/virtude foi feita desde a mais alta antiguidade e refere-se à obra de Lovejoy e Boas, "Primitivism and related ideas in antiquity", que mostra, com abundantes exemplos, o quanto "os civilizados de antigamente já admiravam os "bons selvagens". Ob. cit. p. 286.

Publicada apenas um ano depois das "Scènes de la Nature sous les Tropiques", de Ferdinand Denis que inaugurava, como apontou León Bourdon (6), com o episódio dos "Machakalis" a ficção indianista de assunto brasileiro, a novela de Passac poderia vir citada pela utilização romanesca da documentação sobre o indígena, ao lado do conjunto de obras que constitui o "pré-romantismo franco-brasileiro" (7).

Diferencia-se porém, pela significação dada ao tema, o que permite, apesar do seu fraco valor literário, atribuir certa originalidade à novela.

#### APÊNDICE

Já que falamos em romance de assunto brasileiro, não podemos deixar de mencionar outro livrinho existente na Biblioteca Nacional em Paris, sobre cuja autora, aliás, não conseguimos a menor informação, salvo o ter ela escrito "quatre petits romans pour la Bibliothèque instructive et amusante". A autora é Mademoiselle Eulalie Benoit, e o livro, "L'album d'Eléonore, ou Brésil et France", Paris, Gaume, 1839. É o diário de uma brasileirinha, órfã de mãe, mimadíssima pelo pai, abastado comerciante francês do Rio de Janeiro. A menina tiranisa os escravos "qui ne sont bons que pour le chicote" (sic), exige os mais ricos presentes da Rua do Ouvidor "ce rendez-vous de la fashion brésilienne"; faz malcriações para toda a família e odeia particularmente um primo cheio de qualidades que executa obra social modelar e tão do agrado do Imperador, que este agracia o jovem e nomeia-o ministro plenipotenciário em Paris. A menina acaba sendo mandada à força para um colégio na França onde é considerada como "l'incorrigible Brésilienne"; a diretora passa-lhe sermões do tipo: "Je suis sûre que dans votre Brésil, malgré toutes les superfluités du luxe qui vous environnait, malgré les chants des négresses, malgré leurs danses et leurs jeux, vous avez eu plus de jours d'ennui que toutes les élèves réunies"... A menina acaba finalmente aceitando as lições de humildade e caridade cristãs, bem como de refinamento europeu e casa-se, evidentemente, com o primo conde e ministro. Um certo tom de familiaridade com as coisas do Brasil, do Rio de Janeiro principalmente, não dá impressão de informação puramente livresca, como é o caso de Passac, e permite levantar a hipótese de Mlle. Benoit ter sido governante, no Brasil, de uma dessas meninas caprichosas que descreveu com certo realismo.

São Paulo — Julho de 1966.

(6) León Bourdon, "Lettres familières et Fragment au Journal Intime de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819)", Coimbra, Editora Limitada, 1957.

(7) A denominação é de Antônio Cândido, "Formação da Literatura Brasileira", vol. 1, capítulo VII, parágrafo 2, pp. 285 a 292, 2.ª edição, S. Paulo, Martins.